

O DESDOBRAMENTO DO SOCIAL PARA A REAGREGAÇÃO NO COLETIVO: REFLEXÕES SOBRE O FENÔMENO ORGANIZACIONAL A PARTIR DA TEORIA DO ATOR-REDE NA PERSPECTIVA DE BRUNO LATOUR

The deployment of the social for the reaggregation in the collective:
Reflections on the organizational phenomenon from the actor-network theory from
bruno latour's perspective

Marcelo Castañeda¹

Resumo

O artigo teórico promove uma análise de uma obra seminal do autor francês Bruno Latour, que sintetiza as contribuições da Teoria do Ator-Rede. Divide-se em três partes: a construção das fontes de incerteza que desdobram a sociedade, os movimentos corretivos que levam à conexão dos elementos desdobrados em um coletivo heterogêneo e a importância dessa perspectiva para refletir sobre o fenômeno organizacional.

Palavras-chave: Teoria do Ator-Rede; Estudos Organizacionais; Bruno Latour.

Abstract

The theoretical article promotes an analysis of a seminal work by the French author Bruno Latour, which summarizes the contributions of the Actor-Network Theory. It is divided into three parts: the construction of the sources of uncertainty that unfold society, the corrective movements that lead to the connection of the elements unfolded in a heterogeneous collective and the importance of this perspective to reflect on the organizational phenomenon.

Keywords: Action Network Theory; Organizartional Studies; Bruno Latour.

¹Professor adjunto no Departamento de Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela UFRJ. Contato: marcelo.castaneda@facc.ufrj.br

Introdução

Nesse artigo, vamos promover uma análise do livro “Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede”, em que Bruno Latour (2012) procura consolidar sua perspectiva sobre a vertente teórica da Teoria do Ator-Rede, que compartilha com autores como Michel Callon e John Law – ao menos até um determinado momento que pode ser posicionado no tempo pelo fim dos anos 1990 e início dos anos 2000. A despeito de eventuais cisões entre esses autores, que são os principais expoentes no âmbito da Teoria do Ator-Rede, nesse artigo pretendo me concentrar tão somente nas contribuições de Bruno Latour feitas nesse livro, que serviram de base para reflexões coletivas que foram efetuadas junto a alunos do curso de Administração da UFRJ durante o período 2021.1 da UFRJ, ainda de forma remota por conta da pandemia do novo coronavírus, em uma eletiva que teve o título “A Teoria do Ator-Rede nos estudos organizacionais”.

Mais do que propor o fim da sociedade, Latour (2012) busca redefinir a noção de social remontando a seu significado original a fim de possibilitar o rastreamento de conexões novamente. O autor considera a sociologia “a ciência da vida em comum”, o que implica uma redefinição do que se entende como “ciência do social”, já que o social parece diluído por toda parte e por nenhuma em particular, em especial com o desenvolvimento científico e social do século XX.

O objetivo do artigo é refletir sobre as implicações da Teoria do Ator-Rede sobre o fenômeno organizacional nas sociedades contemporâneas. Para tal, cabe apresentar em um sobrevoo o que Latour traz em seu livro, e prosseguir em duas partes referentes ao livro: primeiro, trago para debate as cinco incertezas que o autor define em relação à sociedade; segundo, os três movimentos em que propõe uma reagregação do social em um coletivo. Feito isso, pretendo apresentar uma reflexão sobre o fenômeno organizacional. Essa estrutura se justifica como possibilidade de apresentar uma sistematização dessa obra, publicada originalmente em 2005, que pode ser vista como uma tentativa do autor reunir seus principais apontamentos sobre a Teoria do Ator-Rede em mais de vinte anos de pesquisas realizadas.

Para pensar no que existe como mundo, que se faz e desfaz a cada instante, Latour (2012) defende que a cada instância precisamos reformular nossas concepções do que estava associado, pois a definição anterior se tornou praticamente irrelevante. Já não sabemos o que o termo “nós” significa; é como se estivéssemos atados por “laços”

que não lembram em nada os vínculos sociais. Daí a possibilidade de uma noção de social mais ampla e ao mesmo tempo estritamente limitada à busca de novas associações e ao esboço de seus agregados. Por isso, para ele, o social não configura um domínio especial, uma esfera exclusiva ou um objeto particular, mas apenas um movimento peculiar de reassociação e reagregação. Por exemplo, organizações não precisam ser inseridas em “contextos sociais mais amplos” porque elas mesmas dão um significado muito prático ao que significa estar dentro de uma rede maior de negócios.

Na primeira abordagem, que Latour (2012) chama de “sociologia do social”, toda atividade podia relacionar-se e ser explicada pelos mesmos agregados sociais por trás dela; na segunda, que ele propõe como sociologia das associações, não há nada subjacente a essas atividades, embora elas possam ser agrupadas de modo a produzir uma sociedade, ou não. O autor entende que ser social já não é uma propriedade segura e simples, mas um movimento que às vezes não consegue traçar uma nova conexão e redesenhar um conjunto bem formado. E, para ele, a “explicação social” tornou-se uma maneira de interromper o movimento de associação em vez de retomá-lo.

O termo Ator-rede (em inglês *ANT*, que remete a uma formiga que escreve para outras formigas) poderia ser também sociologia da translação, ontologia actante-rizoma ou sociologia da inovação. Com ele, Latour (2012) procura destacar o papel dos não humanos; determinar o rumo da explicação, se o social permanece estável; e descobrir se almeja reagregar o social ou insistir na dispersão e desconstrução.

Em situações nas quais as inovações proliferam, em que as fronteiras do grupo são incertas, em que o leque de entidades a considerar flutua, a sociologia do social não consegue mais encontrar novas associações de atores. Para isso, devemos seguir os atores, tentar entender suas inovações frequentemente “bizarras” para descobrir o que a existência coletiva se tornou em suas mãos, que métodos elaboraram para sua adequação, quais definições esclareceriam melhor as novas associações que eles se viram forçados a estabelecer. A diferença é que a sociologia do social funciona bem quando se trata daquilo que já foi agregado, mas nem tanto quando o problema é reunir novamente os participantes naquilo que não é (ainda) um tipo de esfera social.

Em um mundo que passa por uma pandemia, que promete não ser única, e assiste impassível ou lidando na esfera individual com a catástrofe climática, para não falar do aumento das desigualdades e da violência, as provocações que Latour (2012) fez originalmente em 2005 parecem adequadas ao menos para provocar uma reflexão sobre os modos de organização e também sobre como estamos buscando entendimento

sobre as mudanças contínuas que fazem com que um novo mundo, nem sempre melhor, infelizmente, venha surgir a partir do fim do que uma certa sociologia toma ainda como existente.

Dito isso, passaremos a uma breve exposição das incertezas.

As cinco fontes de incerteza para desdobrar o social

Com a primeira fonte de incerteza, Latour (2012) diz que não há grupos, apenas formação de grupos. Com ela, o autor entende que não há grupo relevante ao qual possa ser atribuído o poder de compor agregados sociais, e não há componente estabelecido a ser utilizado como ponto de partida incontroverso. Uma vantagem parcial da Teoria do Ator-Rede é traçar inúmeras conexões sociais, deixando de insistir na tarefa impossível de estabelecer de uma vez por todas qual é a unidade certa de análise que a sociologia deve enfatizar. No entanto, precisa considerar muito mais cartografias contraditórias do social, muito mais do que seria desejado (LATOUR, 2012).

A solução proposta é substituir a lista de agrupamentos compostos de agregados sociais que constituem uma tarefa impossível (seja agente individual, organizações, raças, pequenos bandos, Estados, pessoas, membros, força de vontade, libido, biografias, campos, etc) por uma lista de elementos sempre presentes em controvérsias a respeito de grupos, o que é uma tarefa bem mais simples, porém mais abstrata, pois delinea qualquer agrupamento, e gera muito mais dados. São quatro frentes: porta-vozes; antigrupos; fronteiras e características; estudos sobre a formação dos grupos.

A questão para Latour (2012) não é o fim da sociedade. Para a Teoria do Ator-Rede, nem a sociedade nem o social existem: precisam ser retraçados por meio de mudanças sutis na conexão de recursos não sociais. De um lado, do que ele critica como sociologia do social, a sociedade está sempre aí, colocando todo o seu peso no veículo que a puder carregar; de outro, os laços sociais têm de ser traçados pela circulação de diferentes veículos não intercambiáveis. Para a Teoria do Ator-Rede, o social não passa de um movimento que só pode ser captado e, ainda assim de maneira indireta, quando ocorre uma ligeira mudança numa associação mais antiga, da qual nasce uma nova e um pouco diferente.

Para essa fonte de incerteza inicial, que forma uma base no edifício do Teoria do Ator-Rede, a grande diferença passa por entender se os meios de produzir o social são encarados como intermediários ou mediadores. Intermediário é aquilo que transporta

significado ou força sem transformá-los: definir o que entra já define o que sai. Pode ser considerado não apenas como uma caixa-preta, mas uma caixa-preta que funciona como uma unidade, embora internamente seja feita de várias partes. Por outro lado, mediadores não podem ser contados como apenas um, eles podem valer por um, por nenhum, por várias ou uma infinidade: o que entra neles nunca define exatamente o que sai, sua especificidade precisa ser levada em conta todas as vezes. Eles transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam. É a incerteza constante quanto à natureza íntima das entidades (elas se comportam como intermediários ou mediadores?) que constitui a fonte de todas as outras incertezas que Latour (2012) decidiu acompanhar.

A segunda fonte de incerteza que Latour (2012) mobiliza diz que a ação é assumida. Para o autor, a ação não ocorre sob o pleno controle da consciência; a ação deve ser encarada, antes, como um nó, uma ligadura, um conglomerado de muitos e surpreendentes conjuntos de funções que só podem ser desemaranhados aos poucos. É essa fonte de incerteza que ele procura restaurar com a expressão ator-rede. A sugestão é começar não pela “determinação da ação pela sociedade”, das “habilidades de cálculo dos indivíduos” ou do “poder do inconsciente”, mas da *subdeterminação da ação*, das incertezas e controvérsias em torno do quem e o que está agindo quando “nós” entramos em ação, sendo que não há uma maneira de decidir se essa fonte de incerteza reside no analista ou no ator.

Latour (2012) propõe elaborar uma lista de características sempre presentes nos argumentos contraditórios a respeito do que aconteceu, pois as ações são parte de um relato, possuem uma figura qualquer, opõem-se a outras ações rivais e são acompanhadas por uma teoria explícita da ação. A questão-chave da ciência social passa, assim, a ser determinar se tenta deduzir de poucas causas o maior número possível de efeitos ali presentes potencialmente, como na “sociologia do social”, ou se tenta substituir o maior número possível de causas por uma série de atores (como o significado técnico que a palavra “rede” assumirá mais adiante), como na sociologia das associações. A ideia de Latour (2012) é tomar uma decisão entre o afastamento dos analistas que só dispõem de uma metafísica completa ou “seguir os próprios atores” e lidar com muitas metafísicas.

A terceira fonte de incerteza aponta que os objetos também agem e aí que reside, talvez, o motivo de maior polêmica na sua abordagem. Ao pensar que o número de atores deve ser aumentado, o autor aumenta seu arsenal crítico aos sociólogos do social

ao dizer que o que eles entendem por “poder da sociedade” não é a sociedade em si (seria magia) mas algum tipo de generalização para todas as entidades já mobilizadas no intuito de perpetuar as assimetrias. A ideia de sociedade tornou-se “uma espécie de cargueiro gigantesco que não recebe nenhum inspetor a bordo e permite aos cientistas sociais contrabandear mercadorias através de fronteiras nacionais sem necessidade de controle por parte da alfândega” (LATOUR, 2012, p. 104).

O lema “siga os atores se torna siga os atores enquanto enveredam pelo meio das coisas que acrescentaram às habilidades sociais para tornar mais duráveis as interações em perpétua mudança” (LATOUR, 2012, p. 104). O abismo entre a sociologia do social e a sociologia das associações se alargará, pois essa aceitará como atores entidades que foram explicitamente banidas da existência coletiva por mais de um século de explicações sociais. Latour (2012) enxerga duas razões para isso: primeiro, as habilidades sociais básicas fornecem apenas um minúsculo subconjunto das associações formadoras da sociedade; segundo, o suprimento de força aparentemente implícito na invocação de um vínculo social constitui, no melhor dos casos, um recurso conveniente e, no pior, uma simples tautologia.

O autor propõe insistir na decisão de partir das controvérsias sobre atores e atos. Assim, qualquer coisa que modifique uma situação fazendo diferença é um ator – ou, caso ainda não tenha uma figuração, um actante. As perguntas em relação a um agente são: ele faz diferença no curso da ação de outro agente ou não? Haverá alguma prova mediante a qual possamos detectar essa diferença? Atores ou, mais exatamente, partícipes no curso da ação que aguarda figuração, o que não significa que os partícipes “determinem” a ação, mas que devem existir inúmeros matizes metafísicos entre a causalidade plena e a inexistência absoluta desta por parte dos partícipes sem figuração.

Para a Teoria do Ator-Rede, a continuidade de um curso de ação raramente consiste de conexões entre humanos (para as quais as habilidades sociais básicas seriam suficientes) ou entre objetos, mas, com muito maior probabilidade, ziguezagueia entre umas e outras. Logo, não é a criação de uma absurda “simetria entre humanos e não humanos”, pois simetria, nesta perspectiva, significa não impor *a priori* uma assimetria entre ação humana intencional e mundo material de relações causais. Latour (2012, p. 114) sugere que existem divisões que não devem ser ultrapassadas, superadas, reduzidas dialeticamente, mas precisam ser ignoradas e abandonadas a seus próprios recursos, “como um castelo formidável e hoje em ruínas”.

Com a quarta fonte de incerteza, Latour (2012) defende que não se deve confundir construtivismo com construtivismo social: trata-se de dizer simplesmente que a sólida realidade objetiva pode ser explicada ao mobilizar entidades cuja reunião poderia falhar, ao invés de dizer, como no construtivismo social, que substituímos aquilo de que essa realidade é feita por algum outro material (o social, de que ele realmente seria feito). Para ocorrer qualquer construção as entidades não humanas têm de desempenhar um papel maior. O que a Teoria do Ator-Rede tenta modificar é simplesmente o uso de todo repertório crítico abandonando simultaneamente o uso da Natureza e o uso da Sociedade, que haviam sido inventadas para revelar “por trás” dos fenômenos sociais aquilo que estava “efetivamente ocorrendo”.

Para o autor, o social não está em lugar nenhum em particular, como uma coisa entre outras coisas, mas pode circular em qualquer lugar como um movimento que liga coisas não sociais. Aí o social volta como associação. Sinaliza, assim, que todos os atores estão ligados, estão associados de tal modo que eles fazem outros fazerem coisas. Isso não se faz ao transportar uma força que permaneceria a mesma por todo o percurso como um intermediário fiel, mas gerando transformações manifestadas pelos numerosos eventos inesperados desencadeados nos outros mediadores que os seguem por toda parte.

Latour (2012) chama isso de “princípio da irredução”, que seria o significado filosófico da Teoria do Ator-Rede: a concatenação dos mediadores não traça as mesmas ligações e não requer o mesmo tipo de explicações, como um séquito de intermediários transportando uma causa. Um fator é um ator numa concatenação de atores, e não uma causa seguida por uma série de intermediários. O social devia ser explicado e não fornecer a explicação. Com isso, não existe sociedade, nem domínio social, nem vínculos sociais, mas existem traduções entre mediadores que podem gerar associações rastreáveis. Aprender a Teoria do Ator-Rede é tornar-se sensível às diferenças nas dimensões literária, científica, moral, política e empírica dos dois tipos de explicação (social e associações).

Por fim, a quinta fonte de incerteza diz respeito à escrita de relatos de risco, em especial pela quantidade de controvérsias e a dificuldade de absorvê-las na concretização dos relatos. Latour (2012) entende que este tipo de ciência para aquele tipo de social tem de ser tão lento quanto a multiplicidade de objeções e objetos que ele precisa registrar em seu caminho; tem de ser tão custoso quanto a necessidade de estabelecer conexões entre os muitos mediadores que pululam a cada passo; e tem de ser

tão reflexivo, articulado e idiossincrático quanto os atores que cooperam em sua elaboração. O objetivo é registrar diferenças, absorver multiplicidade, reformular-se a cada novo caso. As quatro fontes de incerteza anteriores são necessárias.

Latour (2012) pontua que os cientistas sociais escrevem relatos. Os relatos textuais são o laboratório do cientista social; e, se a prática laboratorial pode servir de guia, é em virtude da natureza artificial do lugar que a objetividade consegue ser alcançada, desde que artefatos sejam detectados graças a uma atenção contínua e obsessiva. O que importa é tornar a objetividade mais difícil. Os relatos textuais podem falhar, assim como os experimentos. Se o social é um traço, então pode ser retraçado; se é uma reunião, então pode ser reunido.

Para o autor, um bom relato é aquele que tece uma rede, ou seja, uma série de ações em que cada participante é tratado como um mediador completo. Um bom relato na Teoria do Ator-Rede é uma narrativa, uma descrição ou uma proposição na qual todos os atores fazem alguma coisa e não ficam apenas observando. Cada um dos pontos do texto pode se tornar uma encruzilhada, um evento ou a origem de uma nova translação. Se tratados como mediadores, os atores tornam visível ao leitor o movimento do social. O texto versa sobre quantos atores o escritor consegue encarar como mediadores e sobre até que ponto logra realizar o social.

Latour (2012) problematiza, mas defende o uso da palavra rede para designar os fluxos de translações por reter três aspectos importantes: uma conexão ponto por ponto se estabelece, fisicamente rastreável e, portanto, pronta para ser registrada empiricamente; essa conexão deixa vazia boa parte daquilo que não está conectado, como todo pescador sabe ao lançar sua rede ao mar; essa conexão não é gratuita, exige esforço, como todo pescador sabe ao repará-la no convés; é o traço deixado por um agente em movimento.

Neste sentido, as cinco incertezas podem revelar o que as seguintes questões trazem como respostas: de que é feito o social? O que age enquanto estamos agindo? A que tipo de agrupamento pertencemos? Que queremos? Que espécie de mundo estamos dispostos a partilhar?

Passamos, então, aos três movimentos que o autor propõe para reagregar esse social que foi desdobrado pelas cinco fontes de incerteza.

Os três movimentos corretivos para reagregar

O primeiro movimento corretivo envolve localizar o global, ou seja, estabelecer conexões contínuas entre uma interação local e outros lugares, tempos e agências por meio dos quais um local é levado a fazer coisas. Latour (2012) postula a necessidade de uma topografia plana para se desvencilhar da explicação estrutural, do contexto. Na topografia plana, se uma ação tiver de ser transportada de um local a outro, precisaremos de um conduto ou de um veículo. Se um local pretender influenciar outro, precisará encontrar meios para isso. Propõe, assim, inventar uma série de grampos para manter a paisagem firmemente plana e forçar o candidato com papel mais “global” a sentar-se ao lado do “local” que alega explicar, em vez de permitir que salte por cima dele ou fique às suas costas.

O macro já não descreve um local maior ou mais amplo em que o micro possa ser encaixado, mas outro lugar igualmente local, igualmente micro, conectado a muitos outros por algum meio que transporta tipos de traços específicos. Nenhum lugar é maior que outro, mas alguns se beneficiam de conexões bem mais seguras com *mais* lugares. Latour (2012) destaca que não significa que não haja hierarquia, altos e baixos, fendas, vales profundos, cumes, mas tão somente que se você quiser ir de um lugar ao outro terá de pagar o preço total da relação, conexão, deslocamento e informação sem paradas, acelerações ou atalhos.

Interessante perceber que Latour (2012, p. 261) trata a contabilidade, a administração e a organização empresarial como “cienciazinhas de gabinete” que fornecem uma versão exagerada do que ocorre em toda parte de uma maneira menos clara e rastreável. Para ele, quanto mais a ciência e a tecnologia evoluem, mais fácil se torna traçar fisicamente conexões sociais, pois o que é verdadeiro para os laboratórios e gabinetes é verdadeiro também para todos os outros locais conectores e estruturadores.

Latour (2012) propõe o estudo dos panoramas, pois propiciam a única ocasião para ver a “história total” como um todo. As visões totalizadoras não devem ser descartadas como um ato de megalomania profissional, mas acrescentadas à multiplicidade de locais que queremos desdobrar. Os panoramas apresentam um status ambíguo: são simultaneamente o que vacina contra a totalização (pois são locais e comprimidos dentro de salas cegas) e oferecem um antegoço para o mundo em que vivemos. Eles coletam, emolduram, classificam, ordenam, organizam; são a fonte do que se entende por um *zoom* bem ordenado. O estudioso da Teoria do Ator-Rede deve continuar formulando questões sempre que uma hierarquia bem ordenada entre escalas

foi encenada: em qual sala? Em qual panorama? Através de que meio? Com qual diretor de teatro? Quanto?

No segundo movimento corretivo, Latour (2012) propõe a redistribuição desse local planejado. O autor destaca que o que foi designado pelo termo “interação local” é o conjunto de todas as outras interações locais distribuídas no tempo e no espaço, trazidas à cena por outros tantos atores não humanos. Às presenças transportadas de uns lugares para outros ele chama de articuladores ou localizadores. Uma questão que se coloca é: o que aconteceria se a intersubjetividade fosse obtida definitivamente graças à remoção, um após outro, de todos os traços de interobjetividade?

Na perspectiva de Latour (2012), em primeiro plano estão os veículos, os trajetos, as mudanças e a translação entre lugares, não os lugares em si. Lugares não são bons pontos de partida, já que estão todos enquadrados e localizados por outros. É preciso começar no meio das coisas. A circulação vem primeiro; a paisagem “onde” padrões e agentes de todos os tipos e cores circulam vem depois, constituindo a primeira intuição das ciências sociais.

Nenhum lugar predomina o bastante para ser global, nem é suficientemente autônomo para ser local. Latour (2102) procura inserir um número suficiente de grampos para começar a pintar outra paisagem através dos antigos caminhos que levavam do local ao global e vice-versa, percorrendo-os transversalmente como se, graças a uma estranha operação cartográfica, transformássemos aos poucos o mapa hidrológico de algumas represas em outro. Movimentos e deslocamentos vêm em primeiro lugar; lugares e formas em segundo. Assim, localizar o global e redirecionar o local não parece uma coisa muito difícil.

Por fim, com o terceiro movimento corretivo e os conectores, Latour (2012) se volta para três questões: (1) detectar o tipo de conexões que possibilitam o transporte de ações a grande distância e compreender por que elas são tão eficazes na formatação do social; (2) perguntar qual é a natureza das ações transportadas e atribuir um sentido mais preciso à noção de mediador; (3) encarar algumas consequências lógicas: o que existe entre as conexões? Até onde vai nossa ignorância a respeito do social? Quão vasta é a terra incógnita que teremos que deixar em branco em nossos mapas?

Nesse ponto, Latour (2012) recua e enaltece o que ele entende como “sociologia do social”, enfatizando que estabilizar as cinco fontes de incerteza é tão importante quanto mantê-las em aberto. O único lema viável é “seguir os próprios atores”, quando multiplicam entidades e também quando as reduzem. No terceiro movimento é hora de

respeitar os formalizadores, os classificadores, os categorizadores e os numeradores da mesma maneira como antes foram condenados por interromperem cedo demais a tarefa de associar e compor.

Se o esquema padrão de Latour (2012, p. 336) for aceito — “olhe primeiro para o objeto e só depois para o social padronizado” —, ele assume se deparar com uma armadilha, como se antecipando às críticas que vieram: para que o encontro com os objetos ocorra, outras entidades em circulação precisam garantir alguns direitos de cidadania a fim de ter seu assento ao lado dos membros mais velhos. O autor, assim, abre espaço para se pensar em uma nova forma de assembleia que reúna essas entidades que atualmente não tem voz, como, por exemplo, no enfrentamento da catástrofe ambiental. No entanto, a armadilha se mostra: trazer os objetos não seria trazer de volta o obstáculo que a ciência social se orgulha de ter removido, sem falar que pode ser vista como atitude reacionária, retrógrada e arcaica? Ou terá a ciência social um objeto real para estudar? De toda forma, Latour (2012) reafirma o lema de seguir os atores, ou antes, aquilo que os faz atuar: as entidades em circulação.

Para refletir sobre o fenômeno organizacional

Chegamos ao fim dessa jornada com uma reflexão sobre o fenômeno organizacional a partir das fontes de incerteza e dos movimentos apresentados por Bruno Latour. Fica claro que a proposta do autor parte de uma radicalidade em relação ao que ele entende como sociologia do social até chegar num ponto que permite a convivência das duas perspectivas, em especial quando discorre sobre o terceiro movimento, dos conectores. Isso nos faz questionar o valor da problematização do autor como inválida, por não conseguir levar a cabo o que começa propondo, ou seja, uma ruptura com a sociologia do social. É como se ele buscasse esse movimento de ruptura sem conseguir executar a contento com os movimentos propostos. Mas isso nos faz descartar todas as possibilidades colocadas por Latour (2012)?

A metáfora da conexão, por exemplo, é atraente quando considera que a competência não vem inteira, mas em bits (pedaços) e bytes. Para obter atores humanos “completos” é preciso compô-los com várias camadas sucessivas, cada qual empiricamente distinta da seguinte. Latour (2012) remete às tecnologias da informação, que nos permitem rastrear associações de um modo antes impensável, não porque subvertam a velha sociedade “humana” concreta, transformando-nos em *cyborgs*

formais ou “pós-humanos” fantasmagóricos. O motivo é o oposto: tornam visível o que antes só existia virtualmente. Cada grão deixa após si um traço que agora tem uma origem, um rótulo, um veículo, um circuito, às vezes mesmo uma etiqueta de preço. Nesse ponto, a contribuição do autor se mostra bem atual.

Na perspectiva que Latour (2012) apresenta, a tecnologia da informação tornou-se o resultado provisório de uma rede completa de conexões oriundas de locais muito diferentes. Ser um todo realista não constitui um ponto de partida inquestionável, e sim a realização provisória de um conjunto variado. Trata-se de um coletivo heterogêneo em que humanos e não humanos se conectam perfazendo as fontes de incerteza e os movimentos que viabilizam essas conexões, e é esse o ponto em que o autor se torna interessante para pensar os modos de organização, sendo mobilizado nos estudos organizacionais (ANDRADE, 2004; ALCADIPANI; TURETA, 2009 a, 2009b; TURETA; ALCADIPANI, 2009; TONELLI; BRITO; ZAMBALDE, 2011; ANDRADE; CORDEIRO NETO; VALADÃO, 2013). Esse ponto possibilita uma ponte com a ideia de uma sociedade em rede na qual se manifesta um poder comunicacional (CASTELLS, 2015).

Por fim, a questão organizacional aparece de forma evidente para Latour (2012, p. 259) na seguinte passagem:

Uma organização não é sem dúvida “maior” do que aquilo que ela organiza. Como Bill Gates não é fisicamente maior do que seus empregados da Microsoft, a própria Microsoft, como corporação, não pode ser um vasto edifício onde residam os agentes individuais. Ao contrário, certo movimento se transmite por todos eles, alguns dos quais começam e terminam no escritório de Gates. Por ser menos sociedade que o corpo político é que a organização se constitui unicamente de movimentos entretecidos pela circulação constante de papéis, histórias, relatos, bens e paixões. O fato de um escritório ser atravessado por conexões mais longas, rápidas e intensas não significa que ele seja mais vasto. Seguir trilhas contínuas não é a mesma coisa que saltar para a estrutura...

O que Latour (2012) nos traz é uma perspectiva que propõe aberturas para entender as organizações de uma maneira mais flexível e dinâmica do que formalmente estabilizadas, ainda que essas duas facetas convivam e esta última ganhe mais atenção dos olhares interessados. Neste sentido, a sociologia das associações provoca uma

possibilidade de renovação no entendimento dos modos de organização, não só pela incorporação dos elementos não humanos, o que se torna evidente pela velocidade que o desenvolvimento tecnológico assume em meio a emergência de uma era das catástrofes (ARANTES, 2014), o que provoca a sensação de um paradoxo que não se resolverá, mas, seguindo os passos do autor na obra que analisamos aqui, deixaremos em aberto à novas conexões.

Referências Bibliográficas

ALCADIPANI, R.; TURETA, C. Teoria ator-rede e estudos críticos em administração: possibilidades de um diálogo. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 7, n. 3, p. 405-418, set. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cebape/v7n3/a03v7n3.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ALCADIPANI, R.; TURETA, C. Teoria ator-rede e análise organizacional: contribuições e possibilidades de pesquisa no Brasil. *Organizações & Sociedade*, v. 16, n. 51, p. 647-664, out./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/osoc/v16n51/03.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ANDRADE, J. A. Actor-network theory (ANT): uma tradução para compreender o relacional e o estrutural nas redes interorganizacionais? *Cadernos EBAPE.BR*, v. 2, n. 2, p. 1-14, jul. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cebape/v2n2/v2n2a03.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ANDRADE, J. A.; CORDEIRO NETO, J. R.; VALADÃO, J. A. D. Associações sociotécnicas e práticas de gestão em desenvolvimento: analisando rastros por entre o traçado do P1MC. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 11, n. 2, p. 274-294, 2013. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/10555/associacoes-sociotecnicas-e-praticas-de-gestao-em-desenvolvimento--analisando-rastros-por-entre-o-tracado-do-plmc>. Acesso em 20 nov. 2020.

ARANTES, Paulo. *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

CASTELLS, Manuel. *O poder da comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador: Edufba; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

TONELLI, D. F.; BRITO, M. J.; ZAMBALDE, A. L. Empreendedorismo na ótica da teoria ator-rede. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 9, Ed. Especial, p. 586-603, jul. 2011. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/5443/4177>. Acesso em: 20 nov. 2020.

TURETA, C; ALCADIPANI, R. O objeto objeto na análise organizacional: a teoria ator-rede como método de análise da participação dos não-humanos no

processo organizativo. *Cadernos EBAPE.BR*. vol.7, n.1, p.50-70, mar. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cebape/v7n1/v7n1a05.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.